ANACRHÔNICAS DA FRANCA DO IMPERADOR nº 43 2026_26out

NAS ESTATÍSTICAS DE SAMPA

A prima e madrinha Fernanda Zuliani resolveu comemorar com uma festa seus 70 anos em São Paulo. Lá fomos nós na quinta-feira de madrugada para aproveitar o passeio paulistano na sexta, já que a festa seria sábado a noite. Apesar de estar meio sonados por viajar a noite toda, deixamos as malas no hotel e saímos para visitar exposições. A primeira parada foi na Escola da Cidade para ver uma bela mostra de arquitetura contemporânea, e em seguida fomos ao Memorial da Resistência, o antigo DOPS, transformado numa das sucursais da Pinacoteca de SP. Havia duas excelentes mostras em cartaz, uma da Beatriz Milhazes (Milhões, segundo os gozadores de plantão por conta dos altos valores de suas obras no mercado) e outra da arte que foi produzida por prisioneiros políticos durante a ditadura militar.

Milhazes apresenta dezenas de gravuras em grande formato feitas num ateliê de Nova York que frequentou utilizando elementos de serigrafia, xilo e outras. Na outra exposição vimos obras de arte produzidas no cárcere como do arquiteto Antônio Benetazzo, assassinado pela ditadura militar, do jornalista Alípio Freire, de José Wilson, cassiense conterrâneo do Luiz Cruz, da ribeirão-pretana Ângela Maria Rocha, que não conhecia, do arquiteto Carlos Heck, de quem fui aluno numa disciplina no mestrado em São Carlos. Obviamente, a pobreza material das obras feitas pelos presos políticos contrasta fortemente com as de Milhazes por óbvio, mas também são instigantes, valeu a pena.

Dali seguimos para a Pina principal, antigo prédio do Liceu de Artes e Ofícios reformado com projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, onde fomos ver a grande exposição do pintor modernista Ismael Nery e nos encontrar com um grupo de amigos. Soturna, autorreferente, não gostei tanto do trabalho de Nery, que faleceu aos 34 anos de idade. Saímos dali cruzando por dentro o Jardim da Luz até o Centro Comercial do Bom Retiro em direção ao Restaurante Prato Grego, onde nossos amigos puderam quebrar pratos ao terminar a excelente refeição com cardápio grego a preços módicos. No meio da tarde retornamos ao hotel, Atalie foi descansar e fui ao encontro de dois amigos num café próximo.

Senta que lá vem história. Já contei tempos atrás sobre um arquiteto que em 1972 foi meu chefe na Prefeitura de São Paulo quando estagiei na secretaria de Abastecimento da Prefeitura. Na época ele era funcionário da Prefeitura, estudava na FAU USP e quando soube que era de Franca se apresentou como neto do professor Homero Alves, educador importante que nomeia rua e escola na cidade. No final daquele ano sai da Prefeitura e não gravei o nome dele, perdeu-se nas brumas do passado. Em 1986, na posse do Sindicato Estadual dos Arquitetos realizada na Câmara Municipal de São Paulo, ele me cumprimentou rapidamente e relembrou que trabalhamos juntos. No tumulto, não anotei seu nome ou telefone. Novamente, perdemos o contato. Em 2023, fui visitar o centro cultural da Casa da Bóia na Rua Florêncio de Abreu, centro da capital e lembrei que a Secretaria de Abastecimento onde trabalhei ficava quase defronte e também do colega arquiteto. Perguntei para vários amigos que trabalham na Prefeitura, mas ninguém o identificava, a vaga referência era apenas ser neto do Homero Alves.

No início deste ano recebi a ligação de uma mulher que se apresentou como neta do Homero Alves e que estava escrevendo uma biografia do professor, queria algumas informações sobre a cidade. Lembrei do colega e perguntei se tinha algum irmão ou primo arquiteto. Tinha, era seu primo Zeca Gomes Alves. De posse do nome, contatei alguns amigos arquitetos se o conheciam, se era gente boa, afinal 54 anos depois as pessoas mudam, vai que era um extremista do miliciano? Ao contrário, só ouvi elogios. Desta forma, marcamos o café e pusemos 54 anos de histórias em dia, um memorável reencontro em trajetórias distintas e diria até paralelas, fizemos muitas coisas parecidas e com o mesmo propósito desde os tempos iniciais do PT no início dos anos 1980. Ao final, ficou de vir a Franca conhecer o Lab das Artes e quem sabe assistir a um jogo de basquete, torce pra Franca.

A noite, fomos provar as receitas do chef Pinedo e a sempre amorosa receptividade da Luiza Iwakami em seu apê nos Jardins. Arquiteto e doutor com erudição a toda prova, Pinedo também domina os segredos dos temperos e do fogão. Admiro, pois só domino o micro-ondas. Por volta de dez horas da noite, “barriga cheia-pé na areia”, sob forte chuva pegamos um uber pra voltar ao hotel. No semáforo sobre a 23 de Maio com Vergueiro, um susto. Liguei o celular para pagar pelo aplicativo, faltava uma quadra para o hotel, quando o motorista gritou algo e não tive tempo de fazer nada, dois moleques quebraram o meu vidro para tentar roubar o celular. Só escutei o estrondo e senti os estilhaços na pele, nos braços e nas pernas, estava de bermudas. O motorista gritou, os moleques correram e sumiram. O rapaz que dirigia ficou transtornado com o ocorrido e pediu-nos para descer encerrando a corrida, não sem antes me devolver o celular, ele tomou da minha mão (nem vi) e impediu o roubo. Terminamos a noitada sob chuva e abalados, nada que uma boa noite de sono não reparasse. Quase entrei para as estatísticas do crime, após 60 anos andando por São Paulo sem qualquer ocorrência. Vida que segue. No dia seguinte, almoçamos no apê da Sarah Feldman (mais uma arquiteta e doutora que domina o fogão) e fomos pra festa da madrinha Fernanda, com direito a muita comemoração, alegria, música e culinária italiana.

Mauro Ferreira é arquiteto